

CÁRCERE III LEVANTAMENTO

Preso é solteiro, jovem e com pouco estudo

Pesquisa da FGV mostra retrato do sistema penitenciário no Estado de São Paulo

|| Do Rio

A educação não é o principal fator de risco para um indivíduo ser preso no Estado de São Paulo, ao contrário do que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou. De acordo com o estudo Retrato do Presidiário Paulista, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o risco de o homem ser preso é 46 vezes maior que o da mulher, enquanto quem não completou o ensino fundamental tem duas vezes mais probabilidade de ir para a cadeia do que os mais bem educados.

Risco de homem ser detido é 46 vezes maior que mulher

Após o sexo, vem o estado civil. Os solteiros têm um risco quase cinco vezes maior do que os demais. Para o pesquisador Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais, "os solteiros são mais propensos a aceitar riscos porque não têm família constituída, o que, por outro lado, limita o custo social imposto a parentes".

Apenas em terceiro lugar aparece o quesito escolaridade, empatado com a idade. Pessoas com até seis anos de estudo têm duas vezes mais chances de estarem presas do que aquelas que estudaram mais. Na mesma proporção, os jovens com idade entre 18 e 35 anos também correm o dobro de risco de ser presidiário do que pessoas em outras faixas etárias.

O estudo foi feito com uma amostra de 5,4 mil presidiários paulistas, através do processamento dos microdados do Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ele comparou esse segmento com o conjunto da população adulta paulista.

Os presidiários são homens (97%), jovens com idade entre 20 e 29 anos (54,5%) e solteiros (80,6%). Na população paulista esses percentuais são 48%, 18,2% e 23,4%, respectivamente.

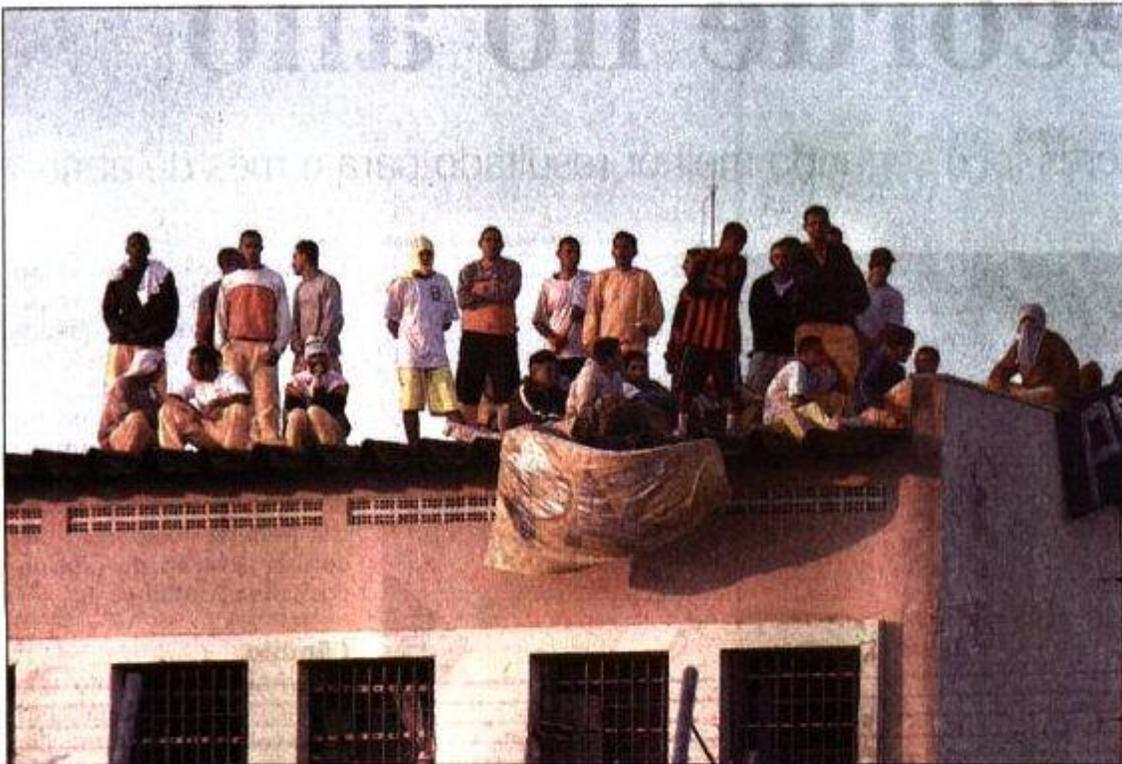
Em relação à educação, houve pouca variação no percentual de analfabetos (8,2% entre os presos e 7,5% no restante da população), mas uma diferença significativa entre aqueles que não completaram o ensino fundamental (78% entre os presos e 52% na população paulista).

Os negros e pardos são 35,8% entre os presos e 26,3% na população. Os deficientes são 6,5% nos presídios e 15,7% na população.

Os fatores raça (cor da pele) e migração (nativo ou migrante) são bem menos significativos no que se refere a aumentar a probabilidade de prisão.

"Nos EUA a raça é o principal fator de risco, o que é muito diferente da nossa realidade", exemplificou Neri. O pesquisador isolou o que supunha ser os fatores de risco da criminalidade — sexo, idade, religião, escolaridade, estado civil, raça e migração — e criou um programa de computador para calcular o risco de um indivíduo com um desses fatores negativos vir a ser preso.

O objetivo da pesquisa, segundo Neri, é facilitar a criação de políticas públicas destinadas a reduzir a criminalidade. Para ele, o investimento em creche e pré-escola é fundamental para igualar as oportunidades entre ricos e pobres. "É a fase onde a educação tem mais retorno", afirmou. Na comparação entre a amostra de presidiários e o restante da população paulista, o dado que mais chamou a atenção do pesquisador foi a quantidade de presos com religiões alternativas (espíritas, afro-brasileiras e evangélicas). (Da Agência Estado)



Presos do Complexo Campinas-Hortolândia durante rebelião: educação não é principal fator de risco

